

A GUERRA DAS REDES

Manuel Castells

Folha de S. Paulo, 21 de setembro, 2001

A bárbara matança de milhares de pessoas nos Estados Unidos abalou os alicerces de nossas sociedades, ao colocar em questão os princípios da coexistência e da civilidade nas quais elas se fundamentam. Mas o dia 11 de setembro de 2001 tem um significado ainda mais dramático: nessa data foi desencadeada a primeira guerra mundial do século 21, uma guerra na qual, queiramos ou não, já estamos mergulhados.

Qual é essa guerra? De quem contra quem? Como se prevê que ela vai se desenrolar? Só compreendendo em que guerra nos metemos poderemos agir sobre ela a partir de nossos diferentes valores e interesses.

Não é um choque de civilizações -essa é uma idéia falsa difundida por aqueles que reduzem o multiculturalismo de nossa espécie à oposição etnocêntrica entre Ocidente e "os outros". Não é um choque de religiões, porque a grande maioria dos muçulmanos e a quase totalidade dos governos dos países islâmicos se opõem ao terrorismo e, em grande medida, apostam na integração na economia mundial e na comunidade internacional. Tampouco é um choque entre os pobres e o capitalismo mundial, embora a exclusão social leve ao desespero do qual se alimenta o fanatismo.

É essencial distinguir essa guerra da oposição ao modelo neoliberal representada pelo movimento antiglobalização, já que traçar paralelos ou aproximações entre as duas coisas levaria à criminalização do movimento antiglobalização e ao sufocamento do grande debate democrático sobre os conteúdos da globalização, debate esse que apenas começou.

Estamos diante de uma guerra definida em termos mais precisos: é a guerra das redes fundamentalistas islâmicas terroristas contra as instituições políticas e econômicas dos países ricos e poderosos, em particular dos Estados Unidos, mas também da Europa ocidental -países estreitamente vinculados em sua economia, em suas formas de democracia e em sua aliança militar.

Na raiz dessa guerra, existe uma rejeição da marginalização dos muçulmanos e uma afirmação da supremacia dos princípios religiosos do islamismo como sustentáculo da sociedade (se bem que em interpretação que se choca com os ensinamentos humanistas do Alcorão). A identidade humilhada e o menosprezo cultural e religioso dedicado ao islamismo pelas potências ocidentais conduzem à resistência e à convocação à guerra santa. E essa resistência se concretiza na oposição à existência de Israel e se alimenta da opressão que Israel exerce sobre o povo palestino.

Portanto, o x da questão está nessa identidade islâmica (não árabe) exacerbada e no projeto de defesa/imposição desses valores em todo o mundo, a começar pelos países muçulmanos. O mundo ao qual Bin Laden aspira já existe: é o Afeganistão do Taleban. Essas redes de terror se alimentam também da frustração de setores (ou governos?) de alguns países muçulmanos, humilhados pelo que sentem ou vêem como o neocolonialismo dos países ocidentais.

É possível, também, que as redes terroristas de origem distinta, incluindo setores da economia criminosa, possam encontrar formas táticas de cooperação com as redes islâmicas (exemplo: a economia do Taleban é dependente do tráfico de ópio que supre o chamado "caminho turco" da droga até a Europa ocidental).

Dois lados

Resumindo, de um lado estão os EUA, a União Européia e todos os países que, de uma forma ou outra, participam do sistema econômico e tecnológico dominante, incluindo a Rússia (que também se confronta com redes islâmicas, partindo da Tchetchênia), o Japão, a China e a Índia.

Do outro lado, há um núcleo duro e irreduzível de redes terroristas do fundamentalismo islâmico, com possíveis cumplicidades de alguns governos, com alianças táticas com outras redes terroristas e desfrutando da simpatia difusa de setores das populações dos países muçulmanos.

Essas redes diversificadas procuram impor seus objetivos utilizando as únicas armas eficazes, dada sua situação de inferioridade tecnológica e militar: o terrorismo de geometria variável, abrangendo desde o atentado individual até as matanças maciças, passando pela desorganização da complexa infra-estrutura material em que se baseia nossa vida diária. E contando com a transformação de pessoas em munição inteligente, mediante a prática generalizada da imolação.

Com a guerra assim colocada, os Estados Unidos iniciou, com o apoio de seus aliados, a mais difícil das guerras: a guerra contra uma rede global capaz de rearticular-se constantemente e de acrescentar novos elementos conforme outros vão sendo destruídos, porque se alimenta do fanatismo e do desespero social de milhões de muçulmanos.

Essa guerra não será muito parecida com a do Golfo. Até a morte e o sofrimento serão diferentes, porque afetarão em medida maior os americanos e seus aliados. Será uma guerra cruel, prolongada, insidiosa, que chegará a todos os cantos, com múltiplas reações violentas dessas redes multiformes e bem equipadas, que sabiam o que estariam provocando e estão preparadas para enfrentá-lo, possivelmente com armas químicas e bacteriológicas.

Mas como se ataca uma rede? Falando em termos assépticos e baseando-me nas pesquisas sobre esses temas parece necessário distinguir entre três processos. O primeiro é a desarticulação da rede. O segundo consiste em impedir que a rede se reconfigure. O terceiro é evitar sua reprodução.

É sobre esse terceiro nível que versa a maioria das discussões bem intencionadas dos últimos dias: é preciso estabilizar o mundo mediante a inclusão no desenvolvimento daqueles que hoje estão excluídos dele, é preciso praticar a tolerância multicultural, é preciso forçar Israel a aceitar um Estado palestino e impor a judeus e palestinos a convivência mútua -difícil, mas não impossível.

Desarticulação da rede

A primeira tarefa, na qual os governos ocidentais estão engajados agora, é a de vencer esta guerra, começando com a desarticulação da rede. Isso requer, por um lado, a identificação e eliminação de seus núcleos estratégicos, nos quais reside a capacidade de coordenação e tomada de decisões.

Vem daí a intenção de destruir as bases operativas no Afeganistão e em outros lugares ainda não determinados. Também nesse contexto se pede a captura ou morte de Bin Laden, tanto por sua importância carismática de profeta do movimento como pelo valor simbólico que sua captura teria.

A União Soviética foi derrotada no Afeganistão, mas as coisas mudaram. Os guerrilheiros islâmicos tinham o apoio da CIA, do Paquistão e da Arábia Saudita. E os americanos provavelmente utilizarão as novas táticas conhecidas genericamente como "swarming" (enxameação), baseadas no deslocamento de pequenas unidades de comando com alto poder de fogo, autonomia própria, coordenação eletrônica entre elas e acesso constante a informações por satélite, além de apoio aéreo instantâneo com armas de precisão.

Mesmo assim, suas perdas serão enormes. Desta vez os EUA não vão limitar-se a bombardear e depois ocupar terreno. Vão combater as redes com suas próprias redes, utilizando a capacidade tecnológica para compensar a falta de conhecimento do terreno. Em termos de ferocidade e determinação, desta vez os inimigos estarão em pé de igualdade.

O ponto fraco dos americanos é a baixa qualidade das informações de que dispõem, consequência da queda no nível de seus serviços de espionagem nos últimos tempos. Mas eles esperam compensá-la com a ajuda israelense, saudita, palestina e, sobretudo, com a colaboração dos paquistaneses, que sabem o que acontece no Afeganistão. Vem daí o papel decisivo que o Paquistão poderá desempenhar. Aliado essencial dos americanos ou país dividido por uma guerra civil, com a possibilidade de os fundamentalistas acessarem a seu arsenal nuclear.

A guerra do Afeganistão será apenas um elemento, embora importante, nessa fase de desarticulação das redes. Ao mesmo tempo, ações pontuais na Palestina, no Líbano, possivelmente na Líbia, no Egito e no Iraque (imprevisíveis) procurarão neutralizar, destruir e desorganizar os pontos de conexão identificados.

A segunda fase é evitar que grupos e agentes chaves se transfiram ou reorganizem suas atividades com novos membros. O que conta aqui são três tarefas: detectar e interceptar os fluxos financeiros; interceptar as comunicações eletrônicas nas quais se baseiam os contatos globais; e enfrentar as novas ações de terrorismo com que as redes vão responder à luta.

De certo modo, a identificação dos núcleos operacionais da rede terrorista será tão simples quanto sinistra: eles estarão nos lugares onde acontecerem atentados de destruição em massa.

A guerra contra essas redes será levada a cabo por uma rede de Estados e suas respectivas forças armadas, numa geometria completa de alianças e interesses na qual os governos terão que lidar com a dupla dependência de sua lealdade à rede de defesa conjunta e das diferentes sensibilidades de suas diversas opiniões públicas. E as alianças vão variar na medida em que em alguns países, especialmente em países muçulmanos, ocorrerem reações populares contra a guerra ao terrorismo.

A única esperança de sobrevivência daquilo que hoje é nossa sociedade, é que, durante o processo de destruição das redes de terror, sejam assentadas as bases sociais, econômicas, culturais e institucionais necessárias para evitar que elas se reproduzam.

Nossa organização econômica e social e nossas instituições políticas geraram os fenômenos que hoje temos que combater -Bin Laden, que aprendeu com a CIA. A longo prazo, é absolutamente necessário promovermos uma reforma profunda em nosso mundo, superando a exclusão social e a opressão das identidades.

A curto prazo, estamos em guerra. Achei que o mais honesto era revelar em que consiste essa guerra. Oxalá eu esteja enganado.